

CORAÇÃO DAS TREVAS E O CÔMPITO ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: AS SOMBRA DO COLONIALISMO SOB A ÉGIDE DO PROGRESSO E DA CIVILIZAÇÃO

HEART OF DARKNESS AND THE TANGLE BETWEEN LITERATURE, HISTORY AND MEMORY: THE SHADOWS OF COLONIALISM UNDER THE AEGIS OF PROGRESS AND CIVILIZATION

Munike Martins Bonet¹

Elza Ilha Padilha Pereira²

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a obra *Coração das trevas* (1902) do escritor Joseph Conrad, por meio da interface entre Literatura, História e Memória. A obra retrata a violência do colonialismo europeu justificada sob a égide de levar o progresso e a civilização às colônias. Nesse contexto a literatura de Conrad ofereceu e oferece subsídios para melhor compreender o método de dominação de outros povos, especialmente os africanos, processo que se desenvolveu no século XIX, mas persistiu, especialmente na África, até a década de 1970, causando danos irreparáveis especialmente à região onde se desenrola a narrativa em questão, a qual sofre até hoje para se libertar do estigma de exploração e domínio, razão pela qual a obra em questão continua tão pertinente. Para tanto tomaremos por base especialmente as reflexões de Mario Vargas Llosa (2004) e Adam Hochschild (1999) no que diz respeito a análise do contexto histórico, de Walter Benjamin (2012) e Jeanne Marie Gagnebin (2006) no que se refere às reflexões acerca de memória e narrador, além de pesquisadores como Grace Amiel Pfiffer (2011).

Palavras-chave: *Coração das trevas*, Marlow; Congo; colonialismo; Kurtz.

Abstract: This article aims to analyze the work *Coração das trevas* (1902) by the writer Joseph Conrad, through the interface between Literature, History and Memory. The work portrays the violence of European colonialism justified under the aegis of bringing progress and civilization to the colonies. In this context, Conrad's literature offered and offers subsidies to better understand the process of domination of other peoples, especially Africans, a process that developed in the 19th century but persisted, especially in Africa, until the 1970s, causing irreparable damage especially to the region where the narrative in question develops, which suffers to this day to free itself from the stigma of exploitation and domination, which is why the work in question remains so relevant. To this end we will take as a basis in particular the reflections of Mario Vargas Llosa (2004) and Adam Hochschild (1999) regarding the analysis of the historical context, Walter Benjamin (2012) and Jeanne Marie Gagnebin (2006) regarding the reflections on memory and narrator, as well as researchers such as Grace Amiel Pfiffer (2011).

Keywords: *Heart of Darkness*, Marlow; Congo; colonialism; Kurtz.

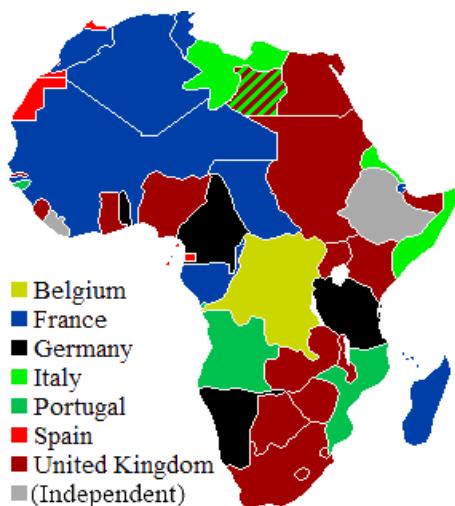
¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Tocantins e Graduada em Letras Português, Inglês e Respectivas Literaturas. Professora Universitária.

² Especialista em Gestão Educacional com capacitação para o Ensino Superior pela Damásio Educacional. Especialização em MBA Gestão Executiva Internacional pela Damásio Educacional. Graduada em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Coordenadora e Professora do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) e respectivas Literaturas da UNIFAAHF e Coordenadora-BA de Pós-graduação da UNIFAAHF-BA.

I. ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: O CONGO DE LEOPOLDO II

O livro *Coração das Trevas* foi publicado, de forma completa, pela primeira vez no ano de 1902. Antes disso aparecera em fascículos na revista londrina *Blackwood's Magazine*, entre os meses de fevereiro e abril de 1899. A Inglaterra vivia sob a Era Vitoriana (1837 – 1901), período que corresponde ao reinado da Rainha Vitória (1819 – 1901), uma das mais importantes épocas da história britânica devido a inúmeras mudanças nos planos econômico, político e social pelos quais o Reino Unido passou ao longo do século XIX, chegando a ficar conhecido como “Pax Britannica”. Tais mudanças que levaram o Império Britânico a tamanha prosperidade se devem especialmente a dois fatores: à Revolução Industrial, iniciada no século anterior, e ao ápice da expansão do Império, por meio do que se tornou a mais forte potência planetária entre 1815 e 1939 chegando a controlar 12,2 milhões de quilômetros quadrados de território. A Inglaterra havia se tornado o império no qual o sol nunca se põe.

A Europa absorvia também o resultado da Conferência de Berlim, realizada de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885, a qual tratou especialmente da divisão territorial da África. O evento teve participação de países europeus como Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Portugal, Rússia e Suécia, mas também Império Otomano e Estados Unidos, e o principal objetivo era regulamentar a liberdade de comércio nas bacias do Congo e do Níger. Como resultado da conferência criou-se um mapa da África colorido de acordo com os domínios agora então estabelecidos.



Fonte: <https://www.britannica.com/place/Southern-Africa/Southern-Africa-1899-1945>.

O momento histórico equivalente aos empreendimentos coloniais que serviu de base para Joseph Conrad escrever *Coração das trevas*, se justificava em nome do progresso e dos ideais civilizatórios sob os quais guiaria à luz os “selvagens” que habitavam os territórios explorados. A bacia do Congo em especial, ambiente onde se passa *Coração das trevas*, compreendia uma extensão tão grande quanto a metade da Europa ocidental e se tornou propriedade privada do rei Leopoldo II da Bélgica a partir da Conferência de Berlim, de 1885 até 1906. O sanguinário rei nutria verdadeira obsessão pelo território que era 76 vezes maior do que a Bélgica e possuía abundância de recursos naturais, em especial o marfim. De acordo com Vargas Llosa (2004):

Sob seu patrocínio, organizaram-se conferências e congressos, aos quais compareciam intelectuais – mercenários sem escrúpulos, ingênuos e tontos – e muitos padres, para discutir os métodos mais funcionais e eficazes de levar a civilização e o Evangelho aos canibais da África (LLOSA, 2004, p. 32).

Por conta de suas astutas estratégias rematadas por subornos a jornalistas, políticos, militares e religiosos, Leopoldo II chegou a ser condecorado e considerado um redentor dos negros. A divulgação de sua filantropia no continente africano se espalhava por toda a Europa, enquanto os resultados obtidos por meio da exploração do território eram cada vez mais sumptuosos, conforme afirma Llosa (2004) “Como havia se proposto, Leopoldo II chegou a ser um dos homens mais ricos do mundo” (LLOSA, 2004, p. 33).

Contudo, não houve somente criminosos, e os pastores norte-americanos George Washington Williams e William Sheppard denunciaram toda a farsa de Leopoldo e foram incansáveis no projeto de conseguir apoio para intervir na realidade do Congo. Além destes, a audácia e a perseverança de dois homens, o irlandês Roger Casement e o belga Edmund Morel, também foram responsáveis por mobilizar a opinião pública internacional contra as carnificinas congolesas, e graças à Associação para a Reforma do Congo que fundaram, a imagem de Leopoldo como redentor passou a ser substituída por uma mais adequada, a de genocida (LLOSA, 2003).

Apesar disso, a incontornável verdade é que ele sozinho derramou mais sangue e causou mais sofrimento à África que todas as tragédias naturais e todas as guerras e revoluções daquele continente. Conduziu povos inteiros ao sacrifício e à servidão, de modo que o que seriam expedições humanitárias e com vistas civilizatórias se revelaram o completo oposto. A população congolesa chegou a ser reduzida à metade durante o

período em que ficou sob o domínio de Leopoldo II. De acordo com informações levantadas pelo historiador Adam Hochschild (1999):

A taxa de mortalidade era especialmente alta entre os carregadores forçados a transportar carga por longas distâncias. Dos trezentos carregadores recrutados em 1891 pelo comissário distrital Paul Lemariel para executar uma marcha forçada de quase mil quilômetros até um novo entreposto, não voltou nenhum (HOCHSCHILD, 1999, p. 131).

Sem mencionar toda a sorte de castigos perpetrados aos nativos sem qualquer razão minimamente aceitável. De modo que, sessenta anos mais tarde, somente em 1960, quando finalmente a Bélgica concedeu independência ao Congo, este inevitavelmente caiu em selvageria e em guerra civil. Nada além de violência, barbárie e abuso havia sido construído, não havia sequer profissionais como médicos ou engenheiros, e assim o general Mobutu, herdeiro sanguinário de Leopoldo II, se apoderou da região.

A morte de Leopoldo se deu em 1909 e hoje, em seu país, de acordo com Llosa (2003, p. 35) “ele passou à anódina condição de múmia inofensiva, que figura nos livros de história”, porém, nada que rememore de fato todo o massacre e espoliação que promoveu, até mesmo o que se haveria de saber mediante as denúncias de Morel e Casement fora misteriosamente encoberto.

Em *Coração das trevas* mais uma vez literatura e história se entrelaçam para narrar a violência do colonialismo no centro da continente africano. Ambas as áreas discursivas sempre mantiveram uma forte relação e, persistentemente, a Literatura se baseia em fatos históricos para criar seus enredos, e como afirma Greenblatt citado por Roger Chartier “algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado” (GREENBLATT, 1988 apud CHARTIER, 2001, p. 25) o que por sua vez pode enriquecer sobremaneira as possibilidades de compreensão dos fenômenos históricos e permitir que situações como esta, do massacre no Congo, alcancem um público maior e mais diverso mediante a sua proliferação.

II. FICCÃO E MEMÓRIA: MARLOW, O NARRADOR DE CONRAD

O escritor Joseph Conrad (1857 – 1924) produziu uma extensa bibliografia, dentre seus principais livros estão *O negro Narciso* (1897), *O Agente Secreto* (1907), *Sob os Olhos do Ocidente* (1911), *Vitória* (1915), *A linha da sombra* (1917) e *Coração das*

trevas (1902). Nasceu na Polônia, seu pai era um ativista pela independência polonesa e, por essa razão, foi preso e mais tarde exilado. A situação crítica de exílio acabou por levar à morte ambos os pais de Conrad. O escritor passou então aos cuidados de um tio e mais tarde, após receber uma boa educação, partiu para o que seria o seu chamado para o mar, vocação que o levou à Inglaterra, onde obteve licença de capitão da marinha mercante. Conrad acreditava verdadeiramente nos ideais britânicos, de modo que imergiu na cultura estudando e adotando o inglês como sua língua.

Em um dado momento de seu percurso, Conrad se candidatou a capitão de uma expedição que iria para o Congo, por intermédio da companhia belga do rei Leopoldo II da Bélgica. Devido às condições que encontrou lá, Conrad não suportou ficar os dois anos propostos inicialmente, voltou depois de seis meses e nove anos mais tarde publicou *Coração das Trevas*.

O livro, portanto, contém muitos elementos autobiográficos. Em que pese esta característica não o explicar por completo, a experiência veio a ser fundamental para seu trabalho como escritor. No enredo de *Coração das trevas*, Joseph Conrad nos conta uma história dentro de outra. O narrador/protagonista e experiente marinheiro Charlie Marlow representa um *alter ego* de Conrad e narra uma de suas aventuras em expedição ao interior da África em busca de Kurtz, um dos mais famosos caçadores de marfim da Companhia. Ao iniciar sua obra, o autor opta por um narrador em primeira pessoa, sobre o qual o leitor não terá informação alguma. De modo que, antes de o narrador principal, Charlie Marlow, decidir relatar sua aventura no continente africano, que durará o tempo da viagem, temos uma breve descrição feita pelo narrador inicial, a qual situa o leitor:

A *Nellie*, uma iole de cruzeiro, ondeava ao redor da âncora, sem nenhum batimento de suas velas, e repousava. [...] por estar destinada a descer o rio, a única coisa que restava era orçar o barco e esperar pela mudança da maré. O estuário do Tâmisa se estendia diante de nós como o início de uma via fluvial interminável (CONRAD, 2019, p. 01).

Para, após alguns momentos de considerações iniciais, apresentar os tripulantes de *Nellie*, dentre os quais Marlow a princípio figura como mais um personagem em meio a outros, até que a embarcação alcança o mar, a escuridão da noite emerge e ele assume a narrativa. E assim, como um velho contador de histórias, compartilha episódios da experiência anterior que viveu no centro do continente africano, episódios dos quais participou efetivamente, mas não era o personagem principal. De modo que Marlow em muito se aproxima do narrador sobre o qual se referiu Walter Benjamin (2012), aquele

que vem de longe e possui o dom de contar sua história: “que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (BENJAMIN, 2012, p. 240) mas, contudo, corre o risco de se extinguir por conta de um mundo “que não cultiva mais aquilo que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 2012, p. 223).

Dessa forma temos então uma narrativa dentro de outra, o que se considera, de acordo com Linda Hutcheon (1984) uma elaboração metaficcional ou narrativa narcisista que se trata de uma ficção que inclui em si mesma um comentário sobre sua própria identidade narrativa. Nessa perspectiva, essa elaboração, por meio de uma espécie de moldura, se deu como uma forma de Conrad se distanciar da história, ou para que ela parecesse menos real e aterrorizante, já que um narrador nesses moldes limita a capacidade de o leitor conhecer toda a verdade, o que de acordo com Pfiffer (2011, p. 126) “permite a Conrad acentuar o caráter elíptico da trama, e ao mesmo tempo lhe permite insuflar um ponto de vista subjetivo no narrador, que se insere nos eventos”. E, dessa forma, “se misturar à narrativa, evitando o comprometimento de uma primeira pessoa” (PFIFFER, 2001, p. 129) se afastando de polêmicas mais diretas, já que Conrad era politicamente conservador e seu texto se trata de uma denúncia das atrocidades do imperialismo. Reforçando ainda mais essa perspectiva, segundo Luiz Costa Lima (2003), Conrad utiliza:

o narrador interposto como abrandamento do horror de seu relato. Seria menos uma racionalização provocada por seu conservadorismo do que uma tentativa de desviar as suspeitas do leitor inglês. Pois, embora não fosse falar da colonização britânica, a homologia seria imediata. A prudência, então, aconselhava neutralizar o quanto possível a contundência do relato (COSTA LIMA, 2003, p. 215).

Por essa mesma razão Conrad também não deixa explícito o nome do local no qual se passa a narrativa. Contudo, recorrendo à criação de imagens por meio de adjetivação, e da imediata associação à sua própria experiência, permite que associemos o local de destino ao Congo belga, então propriedade do rei Leopoldo II da Bélgica.

Na África, ao chegar à sede do governo colonial, Marlow vai se deparar então com a realidade brutal do trabalho que era desenvolvido na colônia, evidenciando traços que serão reforçados em toda a obra, a começar pela deterioração moral do homem branco que, movido pela cobiça e pela sede de poder, perde a noção de humanidade:

Um leve tilintar atrás de mim me fez voltar a cabeça. Seis negros avançavam em fila, se arrastando trilha acima. Caminhavam eretos e lentos, equilibrando pequenas cestas cheias de terra sobre a cabeça, e o tilintar marcava o tempo de suas passadas. [...] Eu via cada costela, as articulações dos membros eram como nós numa corda; cada um

tinha uma coleira de ferro, e todos estavam unidos por uma corrente cujos elos oscilavam entre eles, tilintando ritmicamente (CONRAD, 2019, p. 31).

Ao observar tal situação Marlow, imediatamente, se dá conta de que aqueles não podiam ser inimigos conforme declarado repetidamente. Tampouco eram os canibais selvagens e pecadores preguiçosos descritos pelos conquistadores que retornavam à Inglaterra com seus baús recheados de tesouros. Conforme declaração do próprio rei Leopoldo, que sequer chegou a colocar os pés no Congo, a um repórter norte-americano: “Ao tratarmos com uma raça formada por canibais há milhares de anos, faz-se necessário usar métodos que sacudam, da melhor forma possível, sua indolência e façam com que percebam a santidade do trabalho” (HOCHSCHILD, 1999, p. 129). Porém, Marlow não é um marinheiro comum ou conformado, nem mesmo consegue ver o que se passa da mesma forma que os demais:

Vocês sabem, eu não sou especialmente sensível; já tive de bater e de me defender. [...] Eu vi o demônio da violência, e o demônio da avidez, e o demônio do desejo ardente; mas pelas estrelas todas!, aqueles eram demônios fortes, vigorosos, de olhos vermelhos, que dominavam e conduziam homens – homens eu lhes digo. [...] eu conheceria um demônio flácido, pretensioso, de olhos debilitados de loucura voraz e impiedosa. [...] Silhuetas negras se acocoravam, se estiravam, sentavam-se entre as árvores, apoiadas nos troncos, agarradas à terra, meio visíveis, meio apagadas na luz fraca, em todos os aspectos de dor, de abandono e de desespero. O trabalho prosseguia. O trabalho! [...] Morriam lentamente, era muito claro. Não eram inimigos, não eram criminosos, não eram nada de terreno àquela hora – nada a não ser sombras negras de doença e fome, espalhadas confusamente na penumbra esverdeada (CONRAD, 2019, p. 32).

Ao penetrar ainda mais no continente em busca de Kurtz, se deparando com os entrepostos, estruturas construídas para servirem como base para os postos de comando, persiste a mesma atmosfera caótica, com as mais diversas formas de punição e de opressão infligidas aos nativos, as quais sempre sumariamente justificadas pelo mesmo discurso de serem os nativos, selvagens e incultos.

Por conta dessa perspectiva, que coloca o europeu como única voz da narrativa e desumaniza os nativos, Conrad sofreu severas críticas advindas especialmente dos estudos pós-coloniais, em especial a do africano Chinua Achebe em seu texto *An image of Africa* publicado em 1977, quando defende a percepção de que Joseph Conrad descreve os nativos como seres desprovidos de personalidade e de capacidade de expressão e, por essa razão, facilmente domináveis.

O fato é que, justamente essa referida caracterização se tratava de estratégia utilizada para legitimar o processo civilizatório, o que Conrad fez foi representar o que

via, e essa visão imperialista era a única disponível tanto para ele quanto para Marlow, o que inclusive limitou a capacidade do autor de criar personagens negros. Ainda sobre essa questão, o historiador Adam Hochschild (1999) faz uma referência importante em seu livro *O Fantasma do Rei Leopoldo*:

Um dos grandes problemas é que a maior parte desse vasto mar de palavras foi deixado por europeus ou norte-americanos. Não havia língua escrita no Congo quando os europeus chegaram, e isso inevitavelmente distorceu a maneira como a história foi registrada. [...] Não temos uma única descrição extensa ou uma história oral completa de um congolês que seja, durante o período de maior terror. Em lugar de vozes africanas, existe apenas o silêncio (HOCHSCHILD, 1999, p. 13).

Além das duras críticas de Achebe, Edward Said (2011) também manifestou algum descontentamento com *Coração das trevas*, contudo, de forma menos revoltosa, chegando até mesmo a observar que a obra de Conrad “permite ao leitor ver que o imperialismo é um sistema. A vida em um domínio subordinado e de experiência marcada pelas loucuras e ficções do campo dominante”³ (SAID, 1993, p. 23).

Outro ponto decorrente diz respeito à ausência de qualquer supervisão e do consequente poder ilimitado que detinham os líderes europeus que atuavam na região, poder este que fazia com que se tornassem déspotas tirânicos, de modo a perderem a noção dos limites de suas ações e de certa forma a própria consciência do mundo para além do Congo. Prova disso é a forma como eram tratados os nativos que adoeciam e se tornavam improdutivos

Tinham autorização para rastejar para longe e descansar [...]. Em seguida, olhando para baixo, vi um rosto próximo à minha mão, os ossos negros se reclinavam inteiramente com apenas um ombro contra a árvore, e as pálpebras se abriam devagar e os olhos fundos se ergueram para mim, enormes e vazios, uma espécie de centelha branca que se extinguia lentamente nas profundezas das órbitas. [...] Não vi nada a fazer a não ser lhe oferecer um biscoito do bom sueco, que levava em meu bolso. Os dedos se fecharam devagar em torno dele e o seguraram – não houve nenhum outro movimento, nem outro olhar. [...] Um deles, com o queixo apoiado nos joelhos, fitava o nada de uma maneira intolerável e aterrorizante; seu irmão fantasma descansava a testa, como se esmagado por um grande cansaço; e a toda volta outros se espalhavam em uma atitude de colapso contorcido, como num quadro de massacre ou de peste. Enquanto eu me detinha horrorizado, uma das criaturas se ergueu sobre as mãos e os joelhos e saiu de quatro na direção do rio para beber água. Bebeu sofregamente na mão, sentou-se ao sol, cruzando as pernas à frente, e, passado um tempo, deixou a cabeça lanosa cair sobre o peito (CONRAD, 2019, p. 34).

³ Em tradução livre do original: “Conrad allows the reader to see that imperialism is a system. Life in one subordinate realm of experience is imprinted by the fictions and follies of the dominant realm”.

Enquanto os nativos agonizavam e definhavam lentamente devido ao trabalho forçado e extenuante, surge o contador-chefe da companhia “a figura era certamente a de um manequim de cabeleireiro; mas em meio à grande desmoralização do lugar, ele preservava a aparência. Aquilo é que era determinação. O colarinho engomado e a camisa elegante eram triunfos de caráter” (CONRAD, 2019, p. 35). É possível reconhecer nele a visão do conquistador, daquele que acredita na mentira de sua superioridade, que, nada mais é do que o reforço da brutalidade e da verdadeira selvageria.

De acordo com o que nos apresenta Pfiffer (2011, p. 124), se trata de “homens medíocres intelectualmente, desprovidos de um sentimento moral forte, [...] homens que seriam medíocres na Europa, sentiam-se superiores por viverem entre povos de etnias exploradas”, o que muito bem reflete a percepção de Marlow quando diz que “Eram conquistadores, e para tanto basta a força bruta – nada que se possa ostentar, uma vez que a força, quando você a tem, é apenas um acidente nascido da fraqueza dos outros” (CONRAD, 2019, p. 09) logo, evidenciar tal fraqueza era parte do artifício para sentir-se superior. O próprio processo de afastamento da sua cultura provoca uma ruptura no padrão de interação com o mundo. O que, se aproximando das reflexões de Freud (2010), significa que a civilização seria um mecanismo capaz de controlar as pulsões violentas do homem e, estando distantes e livres desse controle, o lado humano obscuro emergiria.

Além disso, a convicção da inferioridade do Outro foi reforçada nesse período por pesquisas de raça e gênero, cujos métodos de seleção de dados eram manipulados a fim de se chegar a um determinado resultado, de modo que se valiam de características raciais para sustentar a desigualdade de raça e de gênero e também a ideia de hierarquização das raças, em uma ideologia reconhecida como racismo científico, conforme apresenta Nancy Leys Stepan (1990), professora de história da Universidade de Colúmbia:

Observou-se que a mulher se igualava aos negros pelo crânio estreito, infantil e delicado, tão diferente das mais robustas e arredondadas cabeças que caracterizavam os machos de raças “superiores”. [...] As mulheres e as raças inferiores eram consideradas impulsivas por natureza, emocionais, mais imitadoras que originais e incapazes do raciocínio abstrato e profundo igual ao do homem branco (STEPAN, 1990, p. 74, grifos da autora).

Valendo-se de ideias dessa natureza e motivados por uma ambição desmedida, se apegavam às mais insidiosas oportunidades para manter a exploração e o lucro, sem se importar com nada além disso. Situação que vai se evidenciando cada vez mais no percurso de Marlow na busca pelo lendário caçador de marfim.

Kurtz é o protagonista de *Coração das trevas*, todavia, um protagonista que foge à regra, praticamente não aparece na narrativa, mas sua presença é marcante e constante, como uma sombra que paira. É como se ao mesmo tempo em que Marlow deseja encontrá-lo também deseja, de alguma forma, que ele não exista. Não havia limites para Kurtz, sentia-se dono de tudo, soberano “‘Meu marfim, [...] meu entreposto, meu rio, meu...’ Tudo pertencia a ele” (CONRAD, 2019, p. 111, grifos do autor) e de fato, ele possuía algo que Marlow nunca chega a conhecer.

Transformado em uma espécie de divindade, ele se impôs aos nativos, ou pelo fascínio ou pelo medo, Marlow não encontra a resposta exata, mas, ao se aproximar da casa de Kurtz ele vê, postas em mastros que adornavam a residência, cabeças decepadas “[...] A seguir, eu passei cuidadosamente de estaca em estaca e vi meu erro. Os castões não eram ornamentos, eram expressivos e intrigantes, espantosos e perturbadores [...] as cabeças nas estacas” (CONRAD, 2019, p. 137). A verdade é que o fato de chegarem com armas de fogo e toda sorte de munições desconhecidas pelos nativos e altamente letais, já seria suficiente para provocar rendição e submissão.

Quando se aproxima mais da casa de Kurtz, Marlow observa uma espécie de ritual acontecendo. Os detalhes ele não ousa descrever, “‘Não quero saber nada sobre as cerimônias que faziam para se aproximar do sr. Kurtz’, gritei. Curiosamente, me veio o sentimento de que tais detalhes seriam mais intoleráveis que as cabeças que secavam nas estacas” (CONRAD, 2019, p. 140, grifos do autor). De acordo com Pfiffer (2011) há dois rituais possíveis conforme o que se praticava no Congo da época: o de canibalismo e o de sacrifícios humanos. Todavia, o canibalismo seria a hipótese mais provável, pois sacrifícios humanos não seriam tão intoleráveis para Marlow, posto que ele já havia citado o episódio das cabeças sem muita hesitação.

Ao chegar, finalmente, até Kurtz este já se encontrava muito doente e muito distante do homem que outrora havia sido descrito. Era apenas uma sombra que conservava unicamente a poderosa voz, aquela que comovia multidões, “sua capacidade de falar, suas palavras – o dom da expressão, desconcertante, iluminadora, a mais exaltada e a mais desprezível, um feixe pulsante de luz ou um fluxo enganoso do coração de uma treva impenetrável (CONRAD, 2019, p. 107), e isso provoca um conflito em Marlow, que precisa absorver a contradição que se estabeleceu entre a expectativa que criou e a realidade que estava diante de si. Essa ênfase dada à voz de Kurtz em detrimento de seu corpo definindo, pode ser interpretada como um símbolo do paradoxo da eloquência do

europeu quando dissemina a ideia de levar civilização e progresso aos povos colonizados em contradição com as ações propagadas.

Marlow, ainda atônito com todo o caos que o cerca, finalmente consegue levar Kurtz até a embarcação, porém ele tenta voltar à selva rastejando. De alguma forma é como se ele soubesse que não poderia mais retornar à civilização, ele havia sido transformado completamente. Consumido por inteiro por tudo aquilo que transformou em seu império e ao mesmo tempo em sua maldição. Quando Marlow o carrega novamente para o barco, o convence a ficar afirmando que ao retornar à Europa obteria muitas glórias. Megalomaníaco que era, Kurtz se entusiasma e passa até mesmo a idealizar planos para seu retorno, entregando a Marlow um documento, um relatório que lhe fora solicitado explicando como proceder no território e como levar à luz os selvagens:

Ele começava com o argumento de que nós brancos, a partir do desenvolvimento ao qual chegamos, “devemos necessariamente parecer ter para eles (selvagens) a natureza de seres sobrenaturais – nós os abordamos com o poder de uma deidade”. [...] “Pelo simples exercício da nossa vontade podemos exercer um poder para o bem praticamente ilimitado” [...] Ela me fez formigar de entusiasmo. Aquele era o poder ilimitado da eloquência das palavras, de palavras, nobres, ardentes. Não continha propostas práticas que interrompessem a corrente mágica de frases, a não ser uma espécie de nota ao pé da última página, rabiscada evidentemente bem mais tarde, com uma mão insegura, possa ser tida como a exposição de um método. Era muito simples e, ao final do apelo emocionante a todos os sentimentos altruísticos que ele descarregava sobre nós, luminoso e aterrorizador, como um clarão de um relâmpago no céu sereno: “Exterminem todos os brutos!” (CONRAD, 2019, p. 115, grifos do autor).

Conforme apresentado em toda a narrativa, Kurtz mais uma vez deixa saliente a contradição, ao vociferar “extermínem todos os brutos” (CONRAD, 2019, p. 115) ele deixa claro que todo o discurso civilizatório não passava de eloquência vazia. Evidenciando ainda mais o contraste entre o que se pregava e o que de fato acontecia. Logo, a redenção era impossível para Kurtz, “ele tinha se desprendido do mundo” (CONRAD, 2019, p. 162), sua morte era inevitável “ao corromper a si mesmo pela ganância e pelo exercício do poder incontrastado, perdeu a carência humana” (GALVÃO, 2019, p. 205). Suas últimas palavras figuram dentre as mais simbólicas de toda a literatura:

Nunca antes vira nada que se aproximasse da mudança que ocorreu em suas feições, e espero nunca mais ver algo parecido. Ah, eu não estava comovido. Estava fascinado. Era como se um véu se rasgasse. Vi no rosto marmóreo a expressão de orgulho sombrio, de poder sem escrúpulos, de terror covarde – de um desespero intenso e desalentado. Teria ele vivido sua vida de novo em todos os detalhes do desejo, da tentação, e se rendera no momento supremo de conhecimento total? Ele gritou em um

sussurro ante certa imagem, certa visão – ele gritou duas vezes, um grito que não era mais que uma respiração...
“O horror! O horror!” (CONRAD, 2019, p. 170, grifo do autor).

Estas últimas palavras simbolizam a essência daquilo que foi personificado por meio de seu personagem. O horror de toda depravação e exploração a que foi submetido o povo colonizado no que corresponde a região africana do Congo. Personificação de todas as contradições, a selva que ao mesmo tempo o acolheu e o fez grande e bem-sucedido, o destruiu, consumindo sua alma.

Contudo, mesmo todo o empenho narrativo de Marlow, as palavras que conhecemos, seus obstáculos intelectuais e a própria fragilidade da memória, ainda foram fatores limitantes para que ele interpretasse e expressasse de forma rematada, o fascínio e o terror que sentia, ao mesmo tempo, em relação à figura de Kurtz e a todo o empreendimento imperialista. Por essa razão temos uma história inconclusiva, lacunar, que se desencadeia esteticamente por meio de imagens simbólicas de sombra e nebulosidade, em conformidade com a incapacidade desse narrador de explicar tudo o que vivenciou.

Marlow não encontra as respostas para todos os questionamentos que surgiram ao longo da expedição, o fato incontestável é que a alienação que provocara a ascensão do processo capitalista transformou os seres humanos em instrumentos na busca por mais lucro e marfim. A essência última do capitalismo é a essência de Kurtz, do progresso permanente a qualquer preço, que o leva até os limites de sua própria existência.

E o marinheiro que era um jovem otimista quanto ao que encontraria no Congo, assim como Conrad o fora antes de partir para a sua expedição, se mostra perdido em meio a um ambiente caótico que transcende, afetando seu psicológico, limitando-o em sua compreensão e clareza acerca do que vivenciou e consequentemente do que agora narra. Acerca dessa fragilidade da memória Jeanne Marie Gagnebin (2009), nos elucida que esta representa a lembrança de uma presença, isto é, uma ausência dupla, da palavra pronunciada (fonema) e da presença do objeto real que ela significa. Ou seja, o que temos por meio da narrativa de Conrad são rastros de memória, e que por isso contém lacunas e fragilidades inerentes ao processo de rememorar.

O narrador de *Coração das trevas* ao retornar da expedição se vê profundamente modificado pela experiência, do mesmo modo que Conrad descreve a si mesmo em seu

retorno da África “antes do Congo eu era apenas um mero animal⁴” (CONRAD *apud* FIRCHOW, 1999, p. 31). Assim como Walter Benjamin (2012) se refere aos combatentes que retornavam da guerra, mudos, pobres de experiência comunicável, ou seja, não existiriam palavras suficientes para descrever o que viveram (BENJAMIN, 2012, p. 214).

O que se torna aparente quando ele anda pela cidade de Londres, cidade sepulcral, conforme ele mesmo descreve, para ir ao encontro da noiva de Kurtz e dar-lhe algumas palavras sobre o amado, já que fora o responsável por sua busca e o último a vê-lo antes da morte:

Eu me vi de volta à cidade sepulcral, indignado com a visão de pessoas correndo pelas ruas para surrupiar um pouco de dinheiro umas das outras, devorar a culinária infame, engolir a cerveja insalubre, sonhar os sonhos insignificantes e estúpidos. Eles invadiram meu pensamento. Eram intrusos cujo conhecimento da vida era para mim uma pretensão irritante, porque eu tinha certeza de que eles não poderiam saber das coisas de que eu sabia. A postura deles, que era apenas a postura de indivíduos comuns cuidando de suas vidas com a garantia de total segurança, me ofendia como as exibições revoltantes de loucura diante de um perigo que eles eram incapazes de compreender. Não tinha um desejo especial de iluminá-los, mas certa dificuldade para não rir na cara deles, tão cheios de presunção estúpida (CONRAD, 2019, p. 174 e 175).

Ao acompanharmos a evolução da narrativa, acompanhamos também a mudança em Marlow, sua estada no centro da África fora marcada pelo clima de tensão e de presságios sombrios. E, por conta dessa mudança que, inevitavelmente, causará uma necessidade de reelaboração de perspectivas e de conceitos que trazia consigo, houve o irromper de um narrador melancólico, acometido pela força brutal de uma experiência semelhante a um trauma que modificaria a ele e a forma como enxerga a si mesmo e os outros. Essa melancolia de Marlow em muito nos reporta à também melancólica reflexão de Walter Benjamin (2012) quando se reporta à tempestade que acompanha o progresso:

Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele (*o anjo da história*) vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É essa tempestade que chamamos progresso (BENJAMIN, 2012, p. 246, grifo nosso).

Nos últimos momentos da narração Marlow ainda recebe algumas visitas que desejavam insistentemente ter acesso a certos “documentos” (Conrad, 2019, p. 175) que Kurtz teria deixado, afirmando que seriam de grande valor por conta de todo o

⁴ Em livre tradução do original: “Before Congo I was just a mere animal”

conhecimento que ele certamente tinha acerca do local. Ele os entrega, porém, suprimindo uma parte, o que gera evidente insatisfação na ambiciosa figura.

Por fim, Marlow se cala e se senta afastado no barco, “indistinto e silencioso, na pose de um buda meditativo” (CONRAD, 2019, p. 191). Seu esforço em dizer o indizível, seria, a partir das reflexões de Jeanne Gagnebin (2009, p. 99) “uma tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhe permite continuar a viver”, ainda segundo a historiadora “é próprio da experiência traumática a impossibilidade do esquecimento, a insistência na repetição”. É um trabalho de luto que possibilita uma ancoragem na vida.

Se a tarefa do próprio historiador, de acordo com Gagnebin (2009) é a luta contra o esquecimento e a denegação, a do escritor é a de fazer com que o tempo não suprima os trabalhos dos homens, é lutar contra o esquecimento e contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa. E ainda, como nos diz Chartier (2001, p. 21) sobre a literatura, é “presença do passado, às vezes, ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história [...]. Basta observar como algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado”. Por tudo isso *Coração das trevas* ocupa um espaço único na reconfiguração do imaginário relacionado ao imperialismo e possibilita, por essas mesmas razões, infinitas releituras em diversos tempos e contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura narrativa da obra de Conrad nos desafia constantemente, a mistura de narração com introspecção conquista o leitor que se vê profundamente envolvido pela busca de Marlow. Uma busca que em muito supera a ideia inicial de encontrar o famoso caçador de marfim, e se transforma em uma jornada psicológica por meio das impressões subjetivas do narrador ao descrever o mundo que vê.

Por meio de uma estrutura que conta com dois narradores, um primário que situa o leitor em tempo e espaço e apresenta Marlow, e um segundo narrador que toma a palavra e decide, enquanto a embarcação veleja, contar aos seus companheiros de viagem, episódios de uma expedição que já havia feito ao continente africano. Desse modo, temos um narrador que se sente impelido a verbalizar sua experiência. Esse ato de externar se transforma em uma forma de se auto reconhecer, pois quando Marlow narra sua história para os demais tripulantes do barco, antes narra a si mesmo. Dessa forma, é possível reelaborar a experiência traumática que viveu, e continuar a viagem.

Porém, para isso ele enfrenta uma batalha com suas próprias limitações, sejam elas as da linguagem, sejam elas as da memória. Ao mesmo tempo em que ele afirma, também questiona algumas de suas afirmações. Talvez a própria forma de comunicar que nos é acessível seja incapaz de expressar determinadas situações que os olhos veem ou que o coração sente. Para Marlow, muitas vezes faltam palavras para definir.

É certo que os livros e as histórias neles contidas nunca serão capazes de redimir os crimes relatados, mas somente por meio desse compartilhamento será possível um reconhecimento do pecado. Não fosse a iniciativa e a coragem de homens ao denunciarem as atrocidades ocorridas no Congo, a barbárie poderia ter sido ainda pior.

Hoje, a região em que se passa *Coração das trevas* ainda sofre as consequências do processo de colonização, ao mesmo tempo em que é um dos países mais ricos do mundo, em termos de matérias-primas como cobalto e coltan, essenciais para a produção de itens de tecnologia, figura entre os países onde a população vive em extrema pobreza.

Conrad não se preocupa em trazer nenhuma resposta pronta, o leitor há que se esforçar para interpretar e assimilar tudo o que existe em *Coração das trevas*. O livro é inesgotável. Contudo, fica evidente que o personagem Kurtz, o homem branco, o europeu, representa, na obra, a verdadeira face da selvageria, e que as mentiras contadas acerca do empreendimento imperialista figuram entre as maiores de nosso tempo. Ao final o autor deixa um ar de tristeza pairando, Marlow se prepara para mais uma expedição à África, a vida continua, ela precisa continuar, mas agora, sem a ilusão de sermos civilizados. Conrad deixa claro o vazio da descrença, o horror está em qualquer um, o Congo é aqui, o Congo é em todos nós.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. *An Image of Africa: Racism in Conrad's Heart of Darkness*. In: ARMSTRONG, Paul (Ed.). CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. New York: Norton Critical Edition, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

- COSTA LIMA, Luiz. *O Redemunho do Horror*. São Paulo: Planeta, 2003.
- LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx. 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O marinheiro Conrad. In: CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- HOCHSCHILD, Adam. O fantasma do Rei Leopoldo. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of adaptation*. New York: Routledge, 2006.
- PIIFFER, Grace Amiel. *No coração das trevas: o paraíso e inferno do outro em Bernardo Carvalho e Joseph Conrad*. Dissertação (Dissertação em Literatura) – UERJ. Rio de Janeiro. p. 192. 2011.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.
- STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: O papel da analogia na ciência. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.